

RESUMO/ ABSTRACT

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DA ÁFRICA NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Com o intuito final de resgatar as origens mais profundas da literatura brasileira, este artigo busca reformular as tradicionais bases da crítica literária trazendo, para a esfera literária, as conclusões das descobertas científicas do Cheikh Anta Diop.

Palavras-chave: literatura comparada; crítica literária; Mario de Andrade; Cheikh Anta Diop; literatura africana.

CONSIDERATIONS ABOUT THE PLACE OF AFRICA IN THE FORMATION OF BRAZILIAN LITERATURE

With the aim of recovering the deepest origins of Brazilian literature, this article seeks to reformulate the traditional bases of literary criticism bringing the conclusions of Cheikh Anta Diop's scientific discoveries to the literary sphere.

Keywords: comparative literature; literary criticism; Mario de Andrade; Cheikh Anta Diop; African literature.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DA ÁFRICA NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Aboua Kumassi Koffi Blaise

Doutorando em Literatura Brasileira

Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP

mhdb2003@usp.br

Os primeiros capítulos de *Teoria do romance*, do crítico húngaro Georg Lukács, deixaram aflorar uma série de concepções e verdades com as quais me identifiquei, não como europeu, e sim, como jovem africano que, de certa forma, mantém um contato com a geração dos mais velhos, detentora dos valores da sociedade tradicional africana. Portanto, é importante dizer que essa identificação cultural torna-se efetiva apenas em relação aos elementos da tradição africana, uma vez que existe uma África dita moderna e urbana, resultante do contato com o Ocidente.

Com isto, está posto o grande dilema do africano. Uma difícil escolha entre uma tradição cujos valores refletem o seu eu africano mais profundo e a modernidade, na qual está vivendo e para a qual nós tendemos irremediavelmente. Deverá ser particularmente cuidadoso com esse dilaceramento ou com essa tensão – entre o velho, isto é, a tradição, e o novo, configurado pelo moderno – o estudioso de Letras ou de qualquer outra área ao procurar o modo como o dado cultural herdado da África está presente no Brasil de hoje.

De imediato prefiro chamar a atenção desse pesquisador para a África tradicional ou “profunda”, pois, do ponto de vista da história, todos os contingentes de escravos aos quais o Brasil deve a sua vertente africana foram, sem exceção, filhos dessa tradição. Sobre esse ponto, o antropólogo Darcy Ribeiro não nos contradiz: “Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana”. Pelo viés de estudos anteriores, ele confirma a repartição em três grandes grupos.

O primeiro, das culturas sudanesas, é representado, principalmente, pelos grupos Yoruba – chamados nagô –, pelos Dahomey – designados geralmente como gegê – e pelos Fanti-Ashanti – conhecidos como minas –, além de muitos representantes de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo trouxe ao Brasil culturas africanas islamizadas, principalmente os Peuhl, os Mandinga e os Haussa, do Norte da Nigéria... O terceiro grupo cultural africano era integrado por tribos Bantu, do grupo congo-angolês, provenientes da área hoje compreendida pela Angola e... o atual território de Moçambique (RIBEIRO, 2006, p. 102).

Antes de sua chegada ao Novo Mundo, todos esses grupos não haviam ainda sofrido a influência da colonização, uma vez que a deportação constituiu o primeiro contato com os brancos. Outro detalhe cultural importante é o fato de esses povos efetuarem a iniciação dos adolescentes para melhor integrar a sociedade como um todo. O que implica que se aos compradores de escravos interessava apenas o físico do escravo africano, este já vinha com a cultura africana cristalizada na mente.

Voltando àquela identificação cultural pressentida no início, cabe notar que a mesma funcionou como desencadeador de outra descoberta: a Grécia antiga foi o palco, a fonte inspiradora, da primeira parte do ensaio de Lukács. Agora se fez necessário entender a razão pela qual essa sociedade ideal da antiga Grécia ainda existe na vertente tradicional da atual sociedade africana. Como explicar a presença de todos esses elementos inerentes à dita sociedade fechada da antiga Grécia nas sociedades tradicionais africanas de hoje? Dito de outro modo, como explicar a presença deste pensar grego antigo, de sua concepção totalizante que beira o ideal, nas sociedades tradicionais africanas hodiernas?

Asseguradamente isso se deve a um contato entre as duas sociedades, ou seja, houve um contato entre africanos e gregos em um passado muito remoto. Partindo dessas hipóteses, lembrei-me das pesquisas do cientista egíptólogo senegalês Cheikh Anta Diop¹, que conseguiu comprovar científica-

¹ Cheikh Anta Diop, como é conhecido na África, foi um dos poucos grandes intelectuais que revolucionou a visão contemporânea que se tinha do africano como a do próprio africano contemporâneo, pois, para justificar sua missão dita civilizadora, os colonos durante vários séculos de dominação militar tentaram silenciar a longa história do continente alegando, por exemplo, que o africano era um ser ahistórico. Portanto, a própria formação do africano pela escola ocidental partia de falsos preconceitos contra si mesmo. Homem muito culto, Cheikh Anta Diop era formado em física nuclear, egíptologia, história, linguística, antropologia, filosofia. Sua trajetória como pesquisador antropólogo não foi nada fácil. Em 1954, o poder acadêmico da Sorbonne recusou a sua tese alegando nos termos diplomáticos acadêmicos que “a banca não pode ser formada”. Ainda assim, conseguiu publicar a tese, *Nations nègres et Culture — De l’antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l’Afrique noire d’aujourd’hui*, hoje grande clássico, pelo viés de outro grande intelectual africano Alioun Diop, diretor da editora Éditions Présence Africaine. Em 1956, ele se matricula novamente com outro tema e consegue defender sua tese em janeiro de 1960. O momento considerado auge de sua vida intelectual é, sem dúvida, sua participação no colóquio de historiadores em 1974 no

mente a origem negra da civilização do antigo Egito. Se graças às suas pesquisas já não é mais oportuno discutir o caráter negro da civilização egípcia, será mais pertinente ainda, para a crítica literária, levar em consideração as implicações de tal descoberta. Com efeito, se levado às últimas consequências o fato de a Grécia antiga ter mergulhado nas águas do Nilo, é uma certeza quase sem falha de que ela copiou seu modo de viver e pensar do velho Egito.

Portanto, houve culturalmente uma troca muito densa. A partir daí, acreditamos ser possível sustentar a ideia de que os primórdios da literatura, tal como a conhecemos, resultou de um processo altamente transcultural. Quais as fontes literárias que permeiam a primeira parte da *Teoria do romance*, a não ser, por exemplo, a produção de Homero e de Heródoto? Todos, na quase totalidade, formaram-se no antigo Egito, isso na confissão dos próprios sábios gregos. Neste caso, apelaremos para três monumentos da cultura grega que, também, foram se formar no antigo Egito com os sacerdotes negros: Tales, Pitágoras e Homero. A seguir Jamblique, discípulo de Pitágoras, conta em uma biografia o encontro de Tales e de seu mestre, que queria se tornar discípulo de Tales.

Foi assim que Tales o recebeu com alegria, e por ter admirado a superioridade dele sobre os demais jovens, por ter se dado conta de que ela era maior e até superou a fama que o precedeu, ele compartilhou com ele todos os seus conhecimentos, e invocando a sua própria velhice e fraqueza, exortou-o a navegar para o Egito e ir ao encontro, sobretudo dos sacerdotes de Memphis e Diospolis. São deles, na verdade, que ele dizia ter adquirido as competências que lhe valeu o nome de sábio na boca do povo. (...) É por conta disso que ele foi para todos os sacerdotes, aprendendo de cada um deles sobre tudo em que cada um deles era sábio. Ele passou 22 anos no Egito, em templos dedicando-se à astronomia e geometria e, se iniciou não superficialmente, e não de modo qualquer a todos os mistérios dos deuses. (...) Pitágoras adquiriu no Egito a ciência pela qual foi considerado de modo geral como sábio (Cf. *Vie de Pythagore*, éd. Les belles lettres, 1996)².

Cairo sobre o “Povoamento do antigo Egito e a decodificação da escrita meroítica”. Foi naquele encontro de historiadores que comprovou juntamente com o professor Théophile Obenga (hoje professor na Universidade de Estado de São Francisco nos Estados Unidos), de modo científico, a origem negra da civilização egípcia, recebeu vários prêmios científicos, e hoje, além de suas grandes contribuições para a cultura da humanidade, os intelectuais africanos costumam lembrar sua citação em direção aos povos ditos do terceiro mundo: “Armem-se de ciência até os dentes”. O dia 4 de abril no Estado de Atlanta nos Estados Unidos é chamado de “Dr. Cheikh Anta Diop Day”, em homenagem à sua histórica passagem no dia 4 de abril de 1985.

² C'est ainsi que Thalès l'accueillit avec joie et ayant admiré sa supériorité par rapport aux autres jeunes gens, ayant reconnu qu'elle était plus grande et dépassait même la réputation qui l'avait précédé, il lui donna part à toutes les connaissances dont il disposait et invoquant sa propre vieillesse et sa faiblesse, il l'exhorta à cingler vers l'Égypte et à aller rencontrer tout particulièrement les prêtres de Memphis et Diospolis, c'est deux en effet, que lui aussi disait-il, avait acquis le bagage qui lui avait valu auprès du vulgaire le nom de sage (...) C'est pourquoi il se rendit auprès de tous les prêtres, s'instruisant auprès

Com esta última frase, Pitágoras, Jamblique e Tales reconhecem abertamente que a filosofia, longe de ser europeia, tem por essência a África e, mais precisamente, o Egito.

No que diz respeito a Homero, que muitos consideram, com razão ou não, como o precursor da literatura ocidental – sendo a nossa pesquisa de cunho literário, Homero é de longe o sábio grego que mais nos interessa –, a constatação é a mesma. Muito embora hoje se discuta se Homero existiu, ou se é uma criação dos pósteros para explicar os poemas fundadores da identidade grega antiga, a profunda influência dos textos a ele atribuídos, sobre a crítica como um todo, é dificilmente contestável. A esse respeito, o recente trabalho do historiador Jean Philippe Omotunde é fundamental, uma vez que expõe e demonstra com clareza as fontes africanas de poetas gregos como Homero e Hesíodo. Por outro lado, no seu capítulo V, *Apoio do Egito à civilização* de sua obra *Antériorité des civilisations Nègres* (p. 106), publicada em 1967, Cheikh Anta Diop faz menção a uma obra de Deodoro apontando para os sábios gregos que foram se formar no Egito antigo:

Mas agora que examinamos essas questões, é preciso listar os gregos, que adquiriram uma reputação por conta de sua sabedoria e de seus conhecimentos, e que visitaram o Egito nos tempos antigos para se familiarizar com seus costumes e sua ciência. Pois os sacerdotes do Egito, partindo dos registros de seus livros sagrados dizem ter recebido no início visitas de Orfeu de Musaeus, Melampus, e Deadalus, e também do poeta Homero, Licurgo de Esparta e, mais tarde de Solon de Atenas, e do filósofo Platão, e que também vieram para o Egito Pitágoras de Samos e o matemático Eudoxo, bem como Demócrito de Abdera e Chios Oenopides. Como prova das visitas desses homens, em alguns casos eles mostram suas estátuas e, em outros, os locais ou monumentos que ainda levam seus nomes e apresentam as provas do ramo do conhecimento que cada um destes homens havia seguido, argumentando que todas as coisas para as quais eles foram admirados entre os gregos, eles as deviam ao Egito (Diodore, 36, Livre L, 96; 1-3)³.

de chacun d'entre eux sur tout ce en quoi chacun d'eux était sage. Il passa ainsi 22 ans en Egypte dans le secret des temples à s'adonner à l'astronomie et à la géométrie et à se faire initiateur non pas superficiellement ni n'importe comment, à tous les mystères des dieux (...) Pythagore acquit en Egypte la science pour laquelle on le considère en général comme savant. Disponível em: <http://www.africamaat.com/article.php?id_article=480&artsuite=1#nb1>. Acesso em: 20 set. 2010.

³ Mais maintenant que nous avons examiné ces questions, nous devons énumérer les Grecs, qui ont acquis une réputation pour leur sagesse et leur savoir, et qui visitèrent l'Egypte dans les temps anciens afin de se familiariser avec ses coutumes et sa science. Car les prêtres d'Egypte partant des registres de leurs livres sacrés disent qu'ils ont reçu dans les premiers temps les visites d'Orphée de Musaeus, Melampus, et Deadalus, et aussi du poète Homère, de Lycurgue de Sparte, et plus tard de Solon d'Athènes et du philosophe Platon, et que sont également venus en Egypte Pythagore de Samos et le Mathématicien Eudoxe aussi bien que Démocrite d'Abdère et Oenopides de Chios. Comme preuve évidente de ces visites de tous ces hommes, ils montrent dans certains cas leurs statues et dans d'autres, les endroits ou monuments qui portent encore leurs noms et ils

Agora que vimos que boa parte do conhecimento grego está profundamente enraizada no Egito antigo, podemos destacar uma série de implicações. Uma delas consistiria em rever boa parte da produção artística grega, e as mais diversas conclusões estéticas feitas, partindo do pensamento grego como funil. Outra seria tentar entender o modo como isso se deu, e o mais importante, as razões que levaram a tal desfecho histórico, na medida em que o que está em jogo interessa primeiramente às culturas orais coparticipadoras da formação do Brasil.

Afinal, uma coisa é adquirir um saber por si mesmo e outra é aprendê-lo de outro, ou melhor, espelhar-se no outro. Com isso, entendemos a ausência na Grécia antiga de uma organização social em castas no estilo africano, pois, na África, a sociedade de castas se enraíza primeiro dentro de um pensamento religioso e depois ela não impede o enriquecimento das castas ditas inferiores. Quando Cheikh Anta Diop analisa as condições objetivas econômicas e culturais que possibilitaram a passagem da Cidade-Estado cidade para o Império na Europa, ele capta com pertinência um detalhe de extrema relevância com relação à antiga plebe e à burguesia nascente na Idade Média:

De fato, trata-se em ambos os casos, de classes nascidas na restrição e que nunca aceitaram o seu destino, estão decididas a mudar a ordem estabelecida, assim que terão os recursos materiais e políticos. A consciência delas não é feita de resignação ou aceitação, ela é vontade de transformação. Isso decorre da mudança sem maquiagem que presidiu ao seu nascimento (DIOP, 1967, p. 146)⁴.

Na verdade, o mundo helênico tal como apreendido por Lukács pode ser visto como talvez imaginário, tamanha perfeição interior que apresenta. Por isso achamos que, ao querer aprofundar-se muito na quintessência da antiga Grécia, Lukács acabou deparando, sem ter sido essa a sua intenção, com as características intrínsecas das sociedades africanas inspiradoras dos antigos gregos. Vejamos mais de perto como o crítico húngaro pensa o mundo grego:

Se quisermos, assim podemos abordar aqui o segredo do helenismo, sua perfeição que nos parece impen-sável e a sua estranheza intransponível para nós: o grego conhece somente respostas, mas nenhuma per-

donnent des preuves de la branche du savoir que chacun de ces hommes avait poursuivie, arguant que toutes les choses pour lesquelles ils étaient admirés parmi les grecs leur venaient d’Egypte (Diodore, 36, Livre L, 96, 1-3).

⁴ Il s’agit en effet, dans les deux cas, de classes nées dans la contrainte et n’ayant jamais accepté leur sort, décidées à modifier l’ordre établi dès qu’elles en auront les moyens matériels et politiques. Leur conscience n’est pas faite de résignation ou d’acceptation; elle est volonté de transformation. Cela découle de la transformation sans “fard” qui a présidé à leur naissance (DIOP, 1967, p. 146).

gunta. Somente soluções (mesmo que enigmáticas), mas nenhum enigma, somente formas, mas nenhum caos (LUKÁCS, 2000, p. 27).

Aqui a ênfase vai previamente para o ato da aprendizagem, da cópia que dificilmente poderá reproduzir fielmente o original. Reprodução esta que, mesmo se é relativamente bem sucedida com relação ao ensino racional, o mesmo não se pode dizer de sua vertente invisível, isto é, a crença em uma ou mais transcendências. Existe, pois, da parte do sacerdote negro – ainda o velho africano o é hoje – certa distância que, segundo ele, é preciso manter entre o mestre e o discípulo. Todos os etnólogos ou antropólogos estrangeiros conterrâneos puderam e continuam atestando esse fato. Poucos, como o professor Fabio Leite, tiveram a sorte de penetrar um pouco mais nesse universo bastante fechado, e ainda assim, o próprio eminente professor da USP reconhece ter se aprofundado muito pouco. Sobre mergulhar na África profunda, eis que nos disse o sociólogo brasileiro no prefácio da publicação tardia e tão esperada de sua tese: “Não trata-se de tarefa fácil: ensaio isso há quase trinta anos restando-me, sinceramente, sérias dúvidas sobre o nível do patamar por mim atingindo...” (LEITE, 2008, p. XX). Essa atitude distante do mestre para com o discípulo não muda quando indagamos o modo como se deu o ensino dos sábios da Grécia antiga.

O conhecimento era tão precioso aos olhos do sacerdote egípcio que ele preferia guardá-lo e estendê-lo apenas a poucos indivíduos privilegiados, ao invés de agir como seu discípulo grego, e espalhá-lo pelo povo para se fazer um nome. As disposições da alma do sacerdote egípcio contrastem com a dos peripatéticos, e explicam todas as dificuldades que discípulos como Pitágoras, Platão, Eudoxo, e muitos outros enfrentaram antes de ter acesso às ciências (DIOP, 1967, p. 99)⁵.

Os recentes estudos do historiador de Guadelupe, Jean Philippe Omotunde, não só confirmam essa tese dos empréstimos gregos, mas também explicam o mesmo apelando quer para os mestres dos antigos gregos, quer para as fontes literárias egípcias inspiradoras dos futuros sábios gregos. É o que ele nos mostra a seguir:

Para os autores gregos, não havia dúvida nenhuma de que os seus poetas (Homero, Orfeu e muitos outros) haviam sido iniciados no Egito e que tinham deliberadamente utilizados textos, histórias ou crenças egípcias

⁵ Le savoir était si précieux aux yeux du prêtre égyptien qu'il préférait le garder et l'étendre seulement à quelques individus privilégiés, plutôt que d'agir comme son disciple grec et de le répandre à l'échelle du peuple pour se faire un nom. Les dispositions d'âme du prêtre égyptien son à l'inverse de celle du péripatéticien et expliquent toutes les difficultés que des disciples comme Pythagore, Platon, Eudoxe et tant d'autres ont rencontré effectivement avant d'accéder aux sciences (Idem, p. 99).

(peças de teatro, textos sagrados, contos...) para desenvolver suas histórias e transmitir na Grécia a genealogia dos deuses que alguns já conheciam⁶.

Mais adiante no seu estudo, após ter levantado uma série de empréstimos gregos ao Egito antigo, Omotunde insiste em dizer que “no fundo todos esses empréstimos gregos à África negra não passaram de uma aclimatação superficial das divindades e dos conceitos religiosos negros na Europa” (OMOTUNDE, 2002, p. 150, tradução nossa). Ou seja, o rompimento com harmonia de que fala Lukács em relação ao mundo helenístico estava por vir, uma vez que ao seu ponto de partida faltou o essencial, isto é, a crença. A própria evolução histórica da antiga Grécia não deixa dúvida a esse respeito. Com efeito, vista sob o olhar de Cheikh Anta Diop, a formação da antiga sociedade grega apresenta outras feições até então pouco estudadas. Diop consegue mostrar como e porque a antiga plebe continha nela “o futuro laico do pensamento grego”:

A Plebe (...) nasceu laica por assim dizer, pois as instituições religiosas, isto é, políticas e jurídicas da cidade a excluem de todas as atividades cívicas. A religião não previu a Plebe e, ela se recusa tudo a essa massa: o casamento, o culto, o direito de cidadania, a segurança física ou material, etc. A Plebe, ao contrário da casta, não será impregnada de religiosidade e de tradição. O potencial profano e laico que a Plebe carrega dentro dela, pelas condições de seu nascimento não tardará muito em se manifestar. É ela que tem interesse na profanação da tradição religiosa e não vai deixar de fazê-lo. Ela o fará com ainda mais facilidade, uma vez que, o aparelho religioso da cidade é muito menos imponente, e menos impressionante do que o de um vasto reino unificado como o Egito. Ela carrega nela todo o futuro laico do pensamento grego (DIOP, 2008, p.134)⁷.

O dilaceramento entre o indivíduo e o mundo exterior, ao qual se refere boa parte da crítica literária para justificar o nascimento de um gênero literário como o romance, assecuradamente já tinha seus

⁶ “Pour les auteurs grecs, il ne faisait nul doute que leurs poètes (Homère, Orphée et bien d’autre) avaient été initiés en Egypte et que ceux-ci avaient délibérément utilisé des textes, des récits ou des croyances égyptiennes (pièces de théâtre, textes sacrés, contes...) pour élaborer leurs récits et transmettre chez eux la généalogie des Dieux que certains connaissaient déjà” (OMOTUNDE, 2002, p. 134-5).

⁷ “La Plèbe (...) est née laïque pour ainsi dire, car les institutions religieuses c’est-à-dire politiques et juridiques de la cité l’excluent de toutes les activités civiques. La religion ne l’a pas prévue, elle refuse tout à ses ressortissants : le mariage, le culte, le droit de cité, la sécurité physique ou matérielle etc. La Plèbe, contrairement à la caste, ne sera donc pas imprégnée de religiosité et de tradition. Le potentiel profane et laïc qu’elle porte en elle, de par les conditions de sa naissance même ne tardera pas à se manifester. C’est elle qui a intérêt à profaner la tradition religieuse et elle ne manquera pas de le faire. Elle le fera d’autant plus facilement que l’appareil religieux de la cité est infiniment moins imposant, moins impressionnant que celui d’un vaste royaume unifié comme l’Egypte. Elle porte en elle tout l’avenir laïc de la pensée grecque” (DIOP, 1967, p. 134).

germes disseminados na antiga plebe. Com efeito, temos de convir que o declínio do pensamento grego seria dificilmente compreensível se, de fato, o grego, como diz Lukács, “apenas conhecia as respostas e sequer pensava em perguntas”. Em outras palavras, achamos pouco provável o fato de se tratar de sociedades gregas organizadas em castas e realmente fechadas. Pois, ainda hoje podemos constatar a presença na África das sociedades em castas e fechadas que, apesar dos séculos, continuam opondo certa resistência ao impulso dominador do capitalismo.

Tais alegações também podem ser averiguadas na plenitude do reino das dinastias egípcias que durante milhares de anos mantiveram sua hegemonia sobre a face da sua terra. O mais importante, para esse estudo, é que a maioria dos povos africanos descende dos povos que formaram o antigo Egito. Ou seja, estamos mais uma vez diante das origens africanas mais longínquas do futuro Brasil. O mapa das migrações a seguir, extraído da obra *Nations Nègres et Cultures* (DIOP, p. 373) exemplifica a origem egípcia das etnias que passarão mais tarde a integrar o legado cultural brasileiro:



Ressaltar esse elemento da distante origem egípcia do povo afro-brasileiro torna-se crucial, uma vez que pretendemos, em última instância, focalizar *Macunaíma* como obra de formação ou, melhor ainda, como obra de caráter iniciático, em vez de deformação. Para isso, é preciso, partindo de dentro delas, renovar o olhar sobre as culturas indígenas e africanas, uma vez que ambas as culturas se desenvolveram com a mesma raiz de expressão: a oralidade. Para poder reatar os liames entre Macunaíma e as características mais profundas das culturas expostas na obra, será preciso mergulhar profundamente no texto, pois os inúmeros séculos que se passaram antes da elaboração de Macunaíma acabaram por encobrir com muitas camadas escuras aquelas linhas culturais antigamente claras.

O momento é propício para lembrar duas considerações estéticas fundamentais cujo rumo muda drasticamente com esta nova visão. A primeira, sem dúvida, refere-se ao famoso gênero da rapsódia, e a segunda, à acepção do professor Antonio Candido, que chegou a considerar a literatura brasileira como um galho da literatura ocidental. Aqui podemos sublinhar o fato de que se a rapsódia tem como origem a Grécia antiga, e que, como vimos, os gregos foram aprendizes dos sacerdotes negros do Egito antigo, logo essa feição estética provém da África. Não estamos apelando para um mero silogismo desprovido de fundamento. O fato é que as civilizações orais produzem deveras esse tipo de forma estética, que se condensa na figura do *griot*, uma espécie de arauto. Prova disso é a primorosa obra *Soundjata ou l'épopée mandingue*, de Djibril Tamsir Niane, que justamente faz questão, no prefácio, de deixar claro que apenas traduziu as palavras do velho Djêli Mamadou Kouyaté e de outros velhos cujos nomes e aldeias citou (NIANE, 1960, p. 7). Por outro lado, essa atitude do Djibril Tamsir Niane só reforça o sumiço do indivíduo diante da coletividade e mostra que a noção autoral, tal como é conhecida hoje, não tem muito peso nas culturais orais.

Agora, no contexto histórico dos anos 1970 do professor Antonio Candido, quando pouco ainda se sabia a respeito das origens da civilização ocidental – a não ser o que os iluminados do século das luzes avançaram –, a afirmação do eminente crítico brasileiro era coberta de razão. Contudo, após o congresso internacional dos historiadores no Cairo em 1974, e as recentes pesquisas de professores como Théophile Obenga e Jean Phillipe Omotunde, outra direção explicativa do caráter da literatura brasileira começa a apontar no horizonte, e merece ser levada em consideração, pois, como diz o provérbio africano, “da raiz à folha, a seiva sobe e não pára nunca”. Dito de outro modo, se as raízes do conhecimento grego estão fixadas em terra africana, é bem provável, para não afirmar terminantemente, que a substância que deu origem ao galho daquela literatura europeia sempre esteve ao lado da literatura brasileira. Uma presença, mesmo que até um pouco imperceptível, da herança cultural africana que veio a se tornar também brasileira.

Como podemos mostrar nesta exposição, em nenhum momento nos esquecemos do Brasil, cujas raízes africanas será preciso resgatar em suas características culturais mais profundas. Isto porque uma obra prima como *Macunaíma* tece um diálogo com as grandes civilizações tropicais representadas, segundo o próprio Mário de Andrade, pelas “filhas de Vei”. Esse laço cultural não escapou à crítica Gilda de Mello e Souza, que apontou para uma grande diferença:

As filhas de Vei... representam as grandes civilizações tropicais como a Índia, o Peru, o México, o Egito, civilizações que se realizaram em torno de valores culturais muito diversos do Ocidente e que teriam se harmonizado melhor com as nossas condições geográficas e climáticas (SOUZA, 2003, p. 56-7).

É verdade, essas “civilizações tropicais” partilham entre si valores culturais bastante comuns, mas, indo além desses valores culturais, é fácil notar o alicerce da oralidade em que todas se sustentam. Com efeito, embora a escrita deva suas origens às civilizações africanas, as mesmas optaram pela oralidade enquanto veículo de transmissão do saber. Pois, como disse o velho Tierno, instrutor do Amadou Hampâté Bâ, longe de ser o saber, “a escrita é apenas a fotocópia do saber. Ela não é o saber em si”. Como nas sociedades ocidentais a questão do saber é de suma importância para as sociedades orais, uma das diferenças nesse relacionamento com o saber reside no domínio de sua finalidade, daí o cuidado com o modo como ele é transmitido. Por tudo isso, achamos que é ilusório pretender aprender em toda sua plenitude o aporte do legado cultural africano na esfera da literatura brasileira, sem interrogar as raízes mais longínquas, “do enorme contingente negro e mulato (que) é talvez, o mais brasileiro dos componentes de nosso povo” (RIBEIRO, 2006, p. 205).

Se partirmos do princípio de que “o contingente negro e mulato é talvez, o mais brasileiro dos componentes” do Brasil, pesquisas lançadas nas mais diversas áreas podem evidenciar um conjunto de tesouro que só espera por ser aliado aos achados da cultura da escrita. Para isso, será preciso um olhar que além de lutar pelo espaço da expressão cultural, tanto indígena quanto afro-brasileira, pensará de modo constante nas tentativas de soluções de problemáticas na esfera social brasileira. Essa proposta pode ter um quê de pretensioso, mas isso deixa de ser, quando descobrimos que o mais importante para as sociedades orais é o coletivo, isto é, o ser humano que está em cada um de nós. Se de um lado o mundo da escrita nos levou pelas trilhas da solidão, da individualização – o próprio ato de escrever comprova isso – pode ser que o mundo da oralidade consiga injetar a dose certa de humanismo que ainda falta. E dada a sua atípica formação, o Brasil parece ter um papel de extrema relevância nessa viragem.

Referências bibliográficas

- BÂ, Amadou Hampâté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Casa das Áfricas; Palas Athena, 2003.
- DIOP, Cheikh Anta. *Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?* Paris: Présence africaine, 1967.
- LEITE, Fabio Rubens da Rocha. *A questão ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- NIANE, Djibril Tamsir. *Soundjata ou l'épopée mandingue*. Paris: Présence africaine, 1960.
- OMOTUNDE, Jean Philippe. *Les racines africaines de la civilisation européenne*. v. 2. Paris: Editions Menaibuc, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

Recebido em 17 de setembro de 2010

Aprovado em 14 de outubro de 2010